

## **DINÂMICAS DE TRABALHO AMBULANTE: UM DIÁLOGO COM O CIRCUITO INFERIOR DA FERROVIA**

Maria Julia Reis<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

Este artigo objetiva apresentar reflexões realizadas no processo de mestrado em Geografia. Pretendemos caracterizar o trabalho por conta própria de jovens ambulantes como representação do circuito inferior da economia urbana. Desse modo, dialogamos com SANTOS (2004) para explorar o espaço da ferrovia e desvelar as experiências laborais de 10 jovens ambulantes que trabalham no ramal Santa Cruz da SuperVia na cidade do Rio de Janeiro. Entender o cotidiano dos jovens a partir da entrevista foi um divisor de águas para compreender as expressões do circuito inferior nas cidades. O trabalho ambulante relaciona-se com o circuito inferior da economia por ter investimento individual, com atividade multifacetada, abordagem direta, com pouco ou nenhum planejamento, periférico e inconstante, precisa ser intensivo e intermitente e sem proteção social.

**Palavras-chave:** Circuito inferior. Ferrovia. Jovens ambulantes.

### **ABSTRACT**

This article aims to present reflections carried out in the Master's in Geography process. We intend to characterize the self-employment of young street vendors as a representation of the lower circuit of the urban economy. In this way, we dialogued with SANTOS (2004) to explore the railroad space and reveal the work experiences of 10 young street vendors who work on the Santa Cruz branch of the SuperVia in the city of Rio de Janeiro. Understanding the daily life of young people from the interview was a watershed in understanding the expressions of the lower circuit in cities. It is related to the lower circuit of the economy because it has individual investment, with multifaceted activity, a direct approach, with little or no planning, peripheral and inconstant, it needs to be intensive and intermittent and without social protection.

**Keywords:** Lower circuit. Railroad. Street youth

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo foi iniciado na graduação no grupo de pesquisa *Trabalho Políticas Públicas e Serviço Social*. Nesse momento eu estava inserida como aluna de iniciação científica no âmbito dos estudos sobre trabalho e privatizações de políticas públicas e pude iniciar meus estudos sobre as dinâmicas de trabalho informal na cidade. Refletimos sobre a função social dos ambulantes do ramal Santa Cruz e as percepções dos trabalhadores usuários

---

<sup>1</sup> Assistente Social, mestre em Geografia e Doutoranda do DSS da PUC-Rio, [mariajuliareissocial@gmail.com](mailto:mariajuliareissocial@gmail.com).

do trem acerca do transporte coletivo em um momento de intervenções urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro.

Em 2019 apresentei pressupostos para dialogar com a Geografia com o estudo intitulado “Desculpe estar interrompendo o silêncio do conforto de sua viagem”<sup>2</sup>: O trabalho informal de jovens no circuito inferior<sup>2</sup> da ferrovia no Rio de Janeiro, vinculado à linha de pesquisa “Espaço, política e planejamento” do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A pesquisa de mestrado foi um diálogo entre o Serviço Social e a Geografia para compreender as dinâmicas de trabalho de jovens ambulantes no circuito inferior da ferrovia. Tínhamos como objetivo entender como foram manifestadas as expressões da questão social no espaço geográfico no período pandêmico. Tendo em vista que o objeto de trabalho do Serviço Social são as expressões da questão social e o da Geografia, o espaço geográfico.

Neste artigo partimos das discussões de Milton Santos sobre o circuito inferior da economia urbana. Em especial, situamos o universo dos trabalhadores ambulantes no circuito inferior da ferrovia na cidade do Rio de Janeiro. Está a cargo da Supervia Concessionária de Transportes Ferroviários S.A todo gerenciamento das atividades e serviços das ferrovias no estado do Rio de Janeiro. Dentre os cinco ramais, o ramal Santa Cruz atende os moradores da cidade do Rio de Janeiro e estão localizados em bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro (REIS, 2022).

O ramal Santa Cruz é composto pelas estações: Santa Cruz, Tancredo Neves, Paciência, Cosmos, Inhoaíba, Benjamin Do monte, Campo Grande, Augusto Vasconcelos, Santíssimo, Senador Camará, Bangu, Estação, Guilherme da Silveira, Mocidade/Padre Miguel, Realengo, Magalhães Bastos, Vila Militar, Deodoro, Marechal Hermes, Prefeito Bento Ribeiro, Oswaldo Cruz, Madureira, Cascadura, Quintino, Piedade, Estação Olímpica de Engenho de Dentro, Méier, Engenho Novo, Sampaio, Riachuelo, São Francisco Xavier, Mangueira/Jamelão (Desativada), Maracanã, São Cristóvão, Praça da Bandeira, Central do Brasil.

A escolha da faixa etária se deu a partir de duas pontuações: Primeiro consideramos que nas discussões sobre mercado de trabalho há uma centralidade com o público juvenil, segmento que mais sofre os impactos da precarização e flexibilização do/no mundo do trabalho. (POCHMANN, 2007,) (CACCIAMALI, 2017), (CRISPIM e GODOY, 2009).

---

<sup>2</sup> O circuito inferior numa relação de interdependência e coexistência com o circuito superior situam os circuitos da economia urbana teorizada por Milton Santos na década de 70, constituem o retrato da divisão territorial do trabalho e são fruto do processo de modernização tecnológica.

A segunda pontuação está relacionada às próprias paisagens da ferrovia. Ao entrar nas estações e nas idas e vindas nos trens, é possível visualizar um grande número de jovens homens superior ao de mulheres, adultos e idosos trabalhadores. As transformações no mundo do trabalho contribuíram para piora das condições de acesso de mão de obra jovem no mercado de trabalho. A modernização não conseguiu contemplar, em uma totalidade, o número de jovens ativos na sociedade. O tempo não pára, é preciso se reinventar. Seria o trabalho por conta própria uma saída?

Para explorar nosso objetivo central, elencamos como objetivos específicos para apresentar neste encontro:

1. Caracterizar o trabalho por conta própria dos jovens ambulantes no espaço da ferrovia.
2. Desvelar as condições de trabalho dos jovens ambulantes no circuito inferior da ferrovia.
3. Relacionar as características do trabalho por conta própria de jovens ambulantes com os aspectos do circuito inferior da economia urbana.

## **METODOLOGIA**

Como foi brevemente mencionado na introdução, nossa pesquisa qualitativa se aproxima do Método Histórico Dialético, onde o real é observado em sua aparência para que a essência seja desvelada. A entrevista explora os processos presentes nos fenômenos estudados. O diálogo com a Universidade auxilia nas prioridades do processo de investigação. O método dialético tem um lugar de destaque entre os demais métodos de pesquisa social, pois considera as dinâmicas fluidas em constante transformação.

No livro “Metodologias de pesquisa em Geografia” (ANDRADE e SCHMIDT, 2015) mencionaram que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos de uma realidade. Os autores analisam que essa dinâmica significa um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo e que não podem ser quantificados. A partir dessa reflexão, o pesquisador precisa ser comprometido com os processos éticos da pesquisa que dialogam com o Conselho de Ética das Universidades.

Os procedimentos metodológicos aqui utilizados são comprometidos, em sua abordagem, a respeitar qualquer manifestação que fosse contrária ao objetivo da pesquisa e que atrapalhasse as dinâmicas do trabalho ambulante. Acreditamos ser fundamental a construção de uma relação sincera e de respeito entre o sujeito que investiga e o objeto investigado. Desse modo, a partir do olhar etnográfico, da entrevista semiestruturada, da

observação sensível e atenta, do fortalecimento de uma escuta qualificada, buscamos compreender o universo permitido pelo jovem.

Para alcance dos objetivos do trabalho, durante os meses de novembro e dezembro de 2021, entrevistamos 10 jovens ambulantes entre 15 e 29 anos, remetendo a pensar o conceito de juventude de forma ampliada conforme os debates do Conselho Nacional de Juventude. Esta faixa etária determina as Políticas Públicas para o segmento. Consideramos a juventude um processo resultante de vivências sociais de determinados períodos e que não tem a pretensão de se esgotar. Ou seja, uma juventude em constante metamorfose (FRIGOTTO, 2004).

Para efeito de organização do trabalho e de análise dos dados foi desenvolvido um roteiro de entrevistas que é à base do questionário. O roteiro é formado por quatro partes: Parte I - Caracterização do ambulante, Parte II - Ambulante e dinâmicas de trabalho, Parte III - Ambulante e moradia e a Parte IV - Ambulante e relações familiares. Desse modo, desenvolvi 48 perguntas que, naquele momento, orientassem a compreensão do indivíduo a partir de uma análise crítica de sua realidade.

O roteiro de pesquisa descreve as dinâmicas de vida e trabalho dos indivíduos que desenvolvem atividade laboral de ambulante nos trens do ramal Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro em 2021. Para isso intitulei a Parte I - Caracterização do ambulante, a parte destinada a registrar informações que descrevam “quem é este jovem?” de forma aparente como saber a idade, a cidade de nascimento, o local de moradia, sua escolaridade, religião, gênero.

Na segunda parte chamada de Parte II - Ambulantes e dinâmicas de trabalho, procurei desenvolver perguntas que resgatem a trajetória de vida no que diz respeito às dinâmicas de trabalho informal, condições de trabalho, conflitos e estratégias de trabalho. Na terceira parte, que chamamos de Parte III - Ambulante e relações familiares, complementa a caracterização do ambulante e relaciona sua composição familiar e aspectos ligados à escolarização. Na última parte intitulada Parte IV - Ambulantes e moradia, buscamos entender as informações no âmbito do acesso à moradia, infraestrutura, serviços e equipamentos públicos.

Durante o processo de pesquisa de campo foram feitos registros fotográficos, porém não possuem relação com os entrevistados. As fotos foram realizadas em momentos distintos das entrevistas. Busquei também preservar o nome dos 10 jovens ambulantes e foram atribuídos nomes fictícios no estudo, salvo do ambulante que autorizou a divulgação de seu apelido. As fotos do acervo pessoal foram editadas para desfocar o rosto dos trabalhadores, a

fim de preservá-los de qualquer eventualidade. Ficou delimitado o uso exclusivo da imagem nesta pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Objetivando compreender os processos resultantes da globalização nos países periféricos, Milton Santos desenvolveu uma teoria que se funda a partir das divisões territoriais do trabalho. A teoria da economia urbana desvela dois subsistemas que interagem e revelam as dinâmicas de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, são eles o circuito superior e o circuito inferior. O que vai diferenciar as atividades dos circuitos são os modos de organização do trabalho, padrão de consumo e modernização tecnológica (SANTOS, 2018).

Mesmo com suas singularidades, ambos os circuitos coexistem e representam as dinâmicas de reprodução do capital. O circuito superior é constituído por atividades capital-intensivas, com organização e planejamento estratégico, com postos de trabalho e serviços tecnológicos modernos. De acordo com Santos (2018), o circuito superior é constituído “pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores”.

Já o circuito inferior é formado por atividades de trabalho intensivas, sem muito planejamento, com capital reduzido, porém tão fruto do processo de modernização quanto o circuito superior. Segundo Santos (2018), o circuito inferior é o constituído pelos “serviços não modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão”. A tabela 1 exemplifica as características dos circuitos da economia urbana, fazendo a relação entre os dois subsistemas e evidenciando a contradição entre eles.

<b>Características dos circuitos da economia urbana</b>	
<b>Circuito Superior</b>	<b>Circuito Inferior</b>
Maior desenvolvimento tecnológico	Pouco ou quase nenhum desenvolvimento tecnológico
Influência no mercado financeiro mais estruturado	Pouca influência no mercado financeiro
Trabalho assalariado	Sem vínculos
Emprego reduzido	Emprego volumoso

Formal	Informal
Atividades com planejamento sofisticado	Atividades com pouco ou nenhum planejamento
Relações interpessoais e burocráticas	Relações diretas de abordagem
Ligada aos grandes monopólios	Periférico
Trabalho Perene	Trabalho Intermitente
Alguma proteção social	Nenhuma proteção social
Grandes empresas, bancos, altos empreendimentos.	Comércio informal, pequenos negócios familiares.
Capital intensivo	Trabalho intensivo

Fonte: Elaborada a partir de (SANTOS, 2018).

Os dois circuitos se comunicam e a cada metamorfose na estrutura socioterritorial do trabalho, sua forma de organização em determinado momento e território se reinventam a partir de um processo que expressa a contradição da reprodução do capital. Onde o emprego oferecido por cada circuito individualmente é resultado da combinação entre as variáveis dessa comunicação e interação em detrimento às lógicas de mercado (SANTOS, 2018, p. 46). O que vai diferenciar esses circuitos não é a questão da informalidade, pois mesmo sendo mais estável o circuito superior emprega de forma informal. O que vai diferenciar os dois circuitos é a tecnologia e a forma de organização do trabalho como mencionamos na tabela.

Compreende-se que o circuito inferior se consolida como espaço de geração de renda de grande parte da população, fato que pode ser observado nas estatísticas de crescimento da informalidade a partir da Reforma Trabalhista e que se intensificou nos últimos anos com a pandemia da COVID-19.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos trens os trabalhadores ambulantes vivenciam a dicotomia entre o socialmente aceito e o trabalho ilegal, pois mesmo recebendo o título de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado (Lei Estadual nº 9170/21), são criminalizados pela Supervia, que possui uma campanha de conscientização contra a atividade ambulante e estimula, os usuário a não adquirirem suas mercadorias.

O trabalho por conta própria se torna *possibilidade* diante das dimensões da crise estrutural do capital e seus impactos no mundo do trabalho. As novas formas e espaços de sustento para os trabalhadores dão materialidade à *flexibilidade tropical* de Milton Santos (2006), onde frente aos processos de metamorfoses do mundo do trabalho, há uma adaptação em forma de criatividade que (re)cria sua forma de existir no mundo. A flexibilidade tropical cria um mercado socialmente necessário que viabiliza o consumo da população mais pobre (TOZI, 2012).

Segundo a pesquisa, o trabalho ambulante permite que o jovem tenha mais autonomia no seu trabalho. Um dos entrevistados, em sua narrativa, mencionou a maior flexibilidade de encontrar sua mãe depois do trabalho dela, para retornarem juntos a casa no final do expediente. O que não teria em um trabalho formal. Esse distanciamento da relação entre patrão e empregado se torna mais atrativo. “Os ambulantes fazem seu próprio horário, não possuem um compromisso de carga horária, ou frequência de trabalho. O trabalho é assim, definido pelos lucros” (REIS, 2022).

A pesquisa evidenciou que os jovens e sua família possuem dificuldade de acesso a políticas públicas e falta de recursos para manutenção da qualidade de vida. Tanto os jovens, quanto suas famílias exercem cidadania com a parte residual dos serviços e das políticas públicas, que muitas vezes não chegam, ou não chegam com qualidade em seu local de moradia. Segundo a pesquisa, identificamos que a moradia dos entrevistados é próxima a linha férrea, nas favelas do município do Rio de Janeiro. Milton Santos na obra “O espaço do cidadão” mencionou que:

Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhe ser entregue gratuitamente pelo poder público (Santos, 2002, p.115).

Esta reflexão de Milton Santos reforça a segregação socioespacial de parte da população, e enfatiza a relação da mesma com o acesso aos serviços públicos de qualidade, tendo em vista a formação da cidade mercadoria. O que é direito à cidade?, se é perpetuado pelo poder público decisões que mantêm o mesmo cenário por décadas. De quem é a cidade e quem experimenta a cidade?

Questões como o acesso à educação do jovem e de sua família foram levadas em conta na Parte 1 do nosso questionário de pesquisa. A evasão escolar retoma o processo de

adultização, de Frigotto (2004), dos 10 jovens entrevistados, 6 pararam de estudar e 4 concluíram o ensino médio. Este processo de evasão escolar e baixa escolaridade são estendidos aos familiares dos jovens. Alguns jovens ao terminarem o ensino médio rompem com o ciclo familiar de não concluir os estudos, devido a adultização precoce e necessidade de insumos para sobrevivência. O que coloca os estudos em segundo plano. Seus pais já foram jovens também.

Ao invés de usufruir dos ambientes escolares para efetivar direitos de informação, conhecimento, lazer, educação, esporte, brincar, o jovem se vê pressionado a parar fases de sua vida para mais cedo se inserir no mercado de trabalho seja ele formal ou informal e na maioria das vezes com remunerações precárias. (REIS, 2022)

Segundo Caetano e Pomponet (2019) apud REIS (2022), o mercado de trabalho formal valoriza a escolaridade como vantagem para conseguir vaga de trabalho. A evasão escolar fortalece a reprodução de ciclos de precariedade no trabalho e baixos rendimentos para qualidade de vida. Os jovens com menor escolaridade tendem a transitar do desemprego para empregos temporários e informais.

No contexto dos jovens ambulantes, o trabalho desempenhado pelos jovens anteriormente, e sua família, em sua maioria, revelam trabalhos que são considerados com pouca ou nenhuma qualificação profissional. Os trabalhos giram em torno de: vendedor, pedreiro, manicure, almoxarife, mototaxista, do lar, domésticas, barbeiro, diarista, etc. Salvo um dos entrevistados, que possui uma “qualificação profissional”<sup>3</sup>, a de técnico eletricista, mas estava sem emprego formal (REIS, 2022).

Outro ponto importante está relacionado a carga horária de trabalho, os jovens ambulantes chegam a trabalhar mais de 10 horas por dia. Dois deles, Mariane e David, por exemplo, não conseguiram mensurar, no processo de entrevista, suas horas trabalhadas. A tabela a seguir, expõe os dados da pesquisa a partir da entrevista semiestruturada.

Horas trabalhadas:	
Ricardo	10 horas
Rodrigo	9 horas
Lindão	6 horas
David	não tem horário fixo
Mariane	não tem horário fixo
Antônio	10 horas

<sup>3</sup> Atualmente alguns trabalhos mencionados acima, estão exigindo um curso de qualificação profissional como diferencial no mercado de trabalho para essas profissões. Por exemplo, manicure e pedicure e aperfeiçoamento em alongamento; Vendedor exigir um curso de inglês ou um curso de marketing digital; entre outras.





Danilo	8 horas
Larissa	4 horas
Jonathan	8 horas
Wallace	12 horas

A sensação de liberdade e autonomia se sobrepõem às altas horas de trabalho e evidenciam a contradição desse trabalho. Trabalhar mais para ter mais lucro, trabalhar dobrado quando no dia anterior não houve bons rendimentos, trabalhar mais horas no dia, quando é preciso pagar contas e compras mensais, semanais e diárias. Permeados pelo discurso de ascensão financeira, jovens acabam acreditando em falsas promessas, objetivando melhores condições de vida. Mas sem oportunidades e alternativas, qual seria a melhor saída?

Há uma variação de rendimentos de acordo com a mercadoria vendida. O ambulante que vende água, refrigerante, cerveja e possui ponto fixo tem rendimentos mais altos do que o restante, chegando a R\$1000,00 semanais em dias de maior demanda, como por exemplo dias de jogos de futebol, e esse dinheiro ser incerto como no período pandêmico<sup>4</sup>.

Tabela Mercadoria e Rendimentos		
Nome	Mercadoria vendida	Rendimento semanal
Ricardo	Brinquedos	R\$ 750,00
Rodrigo	Água/Refrigerante/Cerveja	R\$ 950,00
Lindão	Água/Refrigerante/Cerveja	R\$ 650,00
David	Água/Refrigerante/Cerveja	R\$ 850,00
Mariane	Chocolate/amendoim/doces/bolo de pote	R\$ 550,00
Antônio	Produtos Eletrônicos	R\$ 600,00
Danilo	Água/refrigerante/cerveja/biscoito/pele/pipoca de saco rosa	R\$ 800,00
Larissa	Salgado /Suco	R\$ 200
Jonathan	Película de Vidro	R\$ 400,00
Wallace	Água/refrigerante/cerveja/biscoito/pele (biscoito tipo torresminho)/pipoca de saco rosa/balas - Ponto fixo.	R\$ 1.000,00

Diante da diversidade de mercadorias apresentadas, nos atentamos ao objetivo da pesquisa e retiramos do questionário perguntas que remetem a procedência da mercadoria, para não colocar a pesquisa no centro de interpretações equivocadas, tendo em vista a relação

<sup>4</sup> Com a pandemia, reduziu-se o número de pessoas transitando nas ruas, nos transportes públicos e interagindo socialmente. Mesmo diante do cenário de medo do COVID-19, trabalhadores informais precisavam sustentar suas famílias. O auxílio emergencial de R\$600,00, assim como o atual salário mínimo de R\$1320,00, não suprem as necessidades básicas da população. Justificando a presença de idosos e pessoas que precisam complementar a renda como trabalhadores ambulantes.

tênu e entre a atividade ambulante e a ilegalidade. O objetivo não é saber a procedência da mercadoria, mas se seus custos influenciavam no trabalho do jovem ambulante.

Foi percebido que os ambulantes que atuam a mais tempo no espaço da Supervia possuem maior expertise em driblar a resistência da concessionária. Os ambulantes dos pontos fixo, possuem maior domínio em guardar suas mercadorias em depósitos, porém são mais expostos no momento da apreensão.

Sobre a experiência de apreensão da mercadoria pela Supervia, dentre os 10 entrevistados, somente Larissa não havia tido experiência de apreensão. Mariane, ambulante entrevistada, não chegou a ter sua mercadoria apreendida, porém teve uma experiência desagradável com um guarda da Supervia. Wallace, responsável pelo ponto fixo, não teve sua mercadoria apreendida, porém foi impossibilitado de organizar seu ponto fixo na estação como de costume. Os outros sete ambulantes de forma violenta tiveram suas mercadorias apreendidas e foram conduzidos para fora da estação (REIS, 2022).

Outro ponto importante da pesquisa está relacionado à inscrição dos jovens e suas famílias em programas de transferência de renda do governo federal. Todos os jovens ambulantes com filhos estavam inseridos no antigo programa da Secretaria Nacional de Renda e Cidadania (Senarc), o Bolsa Família (finalizado em 2021 pelo governo de Jair Bolsonaro e retomado em 2023 pelo Governo Lula). No período da pandemia, todos os jovens tinham recebido a primeira parcela do Auxílio Emergencial<sup>5</sup> implantado na pandemia.

Sobre a permanência anterior de trabalho, dentre os dez jovens ambulantes, oito nunca tiveram qualquer tipo de relação de trabalho com proteção social. Apenas dois jovens já trabalharam de carteira assinada e contribuíram para a previdência social; dois jovens estavam recebendo seguro desemprego e complementando a renda com o trabalho informal ambulante. Mariane teve uma experiência no ramo de consignado de dois anos e Danilo, que apresentou uma experiência de 4 anos como eletricitista. Ambos, estavam ganhando auxílio desemprego, mas precisavam complementar a renda como ambulantes (REIS, 2022).

Em relação ao espaço de trabalho algumas questões nos chamaram atenção. A heterogeneidade do campo da ferrovia, reflete o cenário do mercado de trabalho brasileiro.

---

<sup>5</sup> O Auxílio Emergencial se tornou o Auxílio Brasil, a partir da unificação do Auxílio Emergencial e do Programa Bolsa Família. Essa decisão política do Presidente Jair Bolsonaro, descaracteriza os objetivos do Programa Bolsa Família, limitando o diálogo entre a escola e a clínica da família, enfraquecendo a atuação dos Conselhos Tutelares. Com essa decisão não houve mais a obrigatoriedade do acompanhamento de crianças e adolescentes nas unidades básicas de saúde e nem na escola. Um dos critérios do Programa Bolsa Família era receber o benefício se a criança e o adolescente estivessem matriculados em uma unidade de ensino e com frequência escolar, assim como, vacinados e sendo acompanhados pelas clínicas da família e postos de saúde.

Enquanto aplicamos a entrevista com os jovens, uma mulher idosa de aparentemente 75 anos dividia o espaço de trabalho com os jovens.

As condições de trabalho dos jovens ambulantes evidenciam outra nuance obscura do trabalho por conta própria. Sobre a necessidade fisiológica dos jovens, os 10 jovens ambulantes não possuíam acesso a nenhum banheiro, pois seu trabalho é considerado irregular naquele espaço. Tantos os jovens fixos quanto os itinerantes não possuem vínculo com os funcionários da Supervia (REIS, 2022).

Diante dessa problemática, alguns jovens se revezam quando o outro precisa ir ao banheiro. O jovem ambulante fixo, ao identificar um ambulante itinerante, pede para o mesmo ficar observando suas mercadorias, enquanto eles arranjam um lugar para fazer suas necessidades fisiológicas. Os próprios vendedores ambulantes dos pontos fixos, estão à mercê de furtos de suas mercadorias pelos usuários dos trens. A mesma ajuda se dá em direção contrária.

As questões de gênero também são evidenciadas quando o assunto é necessidade fisiológica, nesse aspecto, as duas jovens ambulantes entrevistadas relataram dificuldades nesse aspecto. Além do período menstrual, onde precisam trocar absorventes, há necessidade de fazer suas necessidades fisiológicas e higiene também são complexas. O número de homens na estação é maior do que o de mulheres. Diante desse universo, as duas jovens se veem a mercê do assédio e violência sexual.

Temendo a apreensão das mercadorias, muitos jovens ambulantes preferem fazer suas necessidades fisiológicas na linha férrea: “se ninguém vê, não temos problemas com os guardas”. A partir dessa fala, percebemos que o risco da atividade ambulante perpassa todo o trabalho e não se restringe apenas às apreensões de mercadorias por órgãos públicos e pela Supervia.

Quando foi indagado sobre a alimentação durante as altas jornadas de trabalho, dos 10 jovens entrevistados, 9 compravam marmita (tipo quentinha) para se alimentar e consumiam na própria estação da SuperVia. Apenas Larissa consumia sua própria mercadoria. Como possui rendimentos menores, Larissa reserva sua própria mercadoria para comer quando sentir fome: Salgado e Suco (tipo refresco).

Sobre acesso a direitos previdenciários por meio da inscrição como microempreendedor individual – MEI, dos dez entrevistados apenas dois já haviam contribuído para a Previdência Social, enquanto para outros oito não sobraram rendimentos suficientes para contribuição. O desejo de trabalhar de carteira assinada é algo que surpreende, apenas Danilo e Mariane foram objetivos na resposta, justificando melhores

condições de trabalho e horário fixo. Mas sinalizaram que o salário mínimo é ineficiente para as necessidades básicas. Os outros oito jovens alegaram que o trabalho informal proporciona maior flexibilidade do trabalho e autonomia de ser seu próprio patrão. não ter patrões.

Walace, que trabalha há 5 anos como ambulante, indagou:

Quem vai me contratar? Sou só um colega ambulante. Minha experiência na padaria não serve de nada porque já passou maior tempão. Tenho filhos para criar e sustentar tenho que ganhar dinheiro, não dá para eu ganhar um salário mínimo não colega. Dá para ir no mercado? Pagar conta? Comprar roupa para crianças? Não dá não colega, tem amigo meu que quase passou fome no início da pandemia. Tudo fechado, os trens tavam pedindo carteira de trabalho, carta do patrão. Como que eu ia vender? Como que o parceiro ia vender? Agora as coisas melhoraram um pouco mas ainda está difícil, as coisas estão muito caras. O dinheiro vai rápido (SIC).

A partir das dimensões desenvolvidas por Santos (2014), nossa pesquisa resultou na seguinte tabela de características do trabalho de jovens ambulantes no circuito inferior representado pela ferrovia:

Características do trabalho de jovens ambulantes no circuito inferior representado pela ferrovia.	
Circuito inferior Santos (2014)	Trabalho de Jovens ambulantes na ferrovia
Pouco ou quase nenhuma influência tecnológica	Tecnologias voltadas ao uso de celulares e aparelhos de alto falante. Pagamentos em PIX e uso de máquina de cartão de débito e crédito. Sem organização
Pouca influência no mercado financeiro	Investimento individual
Sem vínculos	Trabalho pessoal individual, por conta própria.
Emprego volumoso	Atividade multifacetada
Informal	Informal
Atividades com pouco planejamento ou nenhum	Atividades sem organização e muitas vez com reutilização de bens frequente
Relações diretas de abordagem para venda	Estratégias de vendas lúdicas e com uso da voz. Com abordagem direta.
Instável	Trabalho incerto
Periférico	Periférico
Trabalho intermitente	Trabalho intermitente intensivo
Nenhuma proteção social	Sem proteção social
Comércio Informal, pequenos negócios familiares.	Negócios individuais, pequenos, sem estoque, não institucional, margem de lucro pequena
Trabalho Intensivo	Trabalho intensivo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorar o circuito inferior da ferrovia não foi uma tarefa fácil. O trabalho por conta própria de jovens ambulantes materializa o circuito inferior da ferrovia. O trabalho segue uma lógica subordinada de si mesmo e precisa ser intensivo para gerar algum tipo de lucro, pois a comercialização informal já é sinônimo de menores preços em relação às lojas convencionais. O trabalho por conta própria possui capital reduzido e flexibilidade de preço.

Entender o cotidiano dos jovens a partir da entrevista foi um divisor de águas para compreender as especificidades diante da totalidade do mundo do trabalho. Percebemos, a partir de Milton Santos (2014) que as características do nosso campo de pesquisa se alinham às nuances do circuito inferior. A população ambulante, diante da dialética entre os circuitos, resiste e reinventa sua capacidade de trabalho frente às condições impostas pelas relações desses sistemas.

O trabalho ambulante é permeado por relações de poder que organizam o espaço da ferrovia. Essas regras são limites impostos invisivelmente, mas se relacionam às dinâmicas da cidade, a exemplo disso, o exercício de poder das facções criminosas, que não exclui as milícias, as próprias relações políticas da Supervia, e também, as relações simbólicas de poder entre eles instituídas, como por exemplo, o respeito a abordagem do outro ambulante no interior dos trens, preços estabelecidos e, etc.

A tecnologia que pauta as relações de trabalho ambulante, é voltada ao uso de celulares e aparelhos de alto falante. Pagamentos em PIX e uso de máquina de cartão de débito e crédito. Este trabalho não possui organização, não funciona em forma de estoque e possui investimento individual.

Usando e abusando da oralidade para anunciar sua mercadoria, o jovem ambulante se apropria do espaço público e privado da ferrovia e territorializa suas dinâmicas de trabalho. Mesmo sendo estigmatizado, as dinâmicas de trabalho ambulante instituem na ferrovia um ecúmeno socialmente e culturalmente apropriado, um território ambulante.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABRAMO, L. **Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro**. Cine Cult. 2006.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

**DIEESE. Qualificação Profissional e Mercado de Trabalho: Reflexões e ensaios metodológicos construídos a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego DIEESE -** Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos São Paulo – 2021.

FRIGOTTO, G.. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In R. Novaes, & P. Vannuchi, **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação** (pp. 180-216). São Paulo: Fundação Perseu Abramo 2004

HARVEY. David. *O direito à cidade*. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012

REIS. Maria. J. **Trabalho e informalidade: a função social dos trabalhadores ambulantes no espaço urbano**. Relatório PIBIC. 2017.

REIS. Maria. J. **Política Pública de transporte em massa: análise das percepções dos usuários sobre o trem no ramal Santa Cruz**. Relatório PIBIC. 2016.

REIS. M. J. B de O **“Desculpe estar interrompendo o silêncio do conforto de sua viagem”: O trabalho informal de jovens no circuito inferior da ferrovia no Rio de Janeiro** 96 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFRRJ, Seropédica - RJ, 2022.

SANTOS. Milton. **O espaço do cidadão**. 6. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2002

SANTOS. Milton. **O Espaço Dividido: os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Myrna T. Rego Viana (Tradução). Edusp. 2004.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

STAMPA, Inez. Formas de resistência e defesa do trabalho. In: **Nos trilhos da privatização: ferrovias e ferroviários do Rio de Janeiro em questão**. São Paulo: Annablume, 2011.

TOZI. Fábio. **Rigidez normativa e flexibilidade tropical: Investigando os objetivos técnicos no período da Globalização**. 262 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). USP. 2012.